



Opinião Econômica

Michael França

Ciclista, vencedor do Prêmio Jabuti Acadêmico, economista pela USP e pesquisador do Insper. Foi visiting scholar nas universidades da Columbia e Stanford

Rotas para o Nordeste

Estudo do Banco Mundial apresenta caminhos para o desenvolvimento da região

Espedito sempre foi um cara humilde. E isso não se deve apenas à sua origem, mas sobretudo à forma simples e carinhosa como trata as pessoas. Saiu do sertão baiano ainda menino, por volta dos 14 anos, empurrado pela fome e pela seca. Em Minas Gerais, cruzou o caminho de Zilá e, de uma noite esquecida, mas não tão distante, eu nasci. Essa trajetória, marcada pela migração forçada e pela busca por sobrevivência, por muito tempo foi quase uma regra para milhões de famílias nordestinas.

Desde então, o Nordeste tem mudado. A migração em massa que marcou o imaginário do país durante décadas perdeu força. A figura do retirante, tão presente

no passado, já não ocupa o mesmo lugar no debate público. Em várias regiões, surgiram polos produtivos, cidades médias ganharam dinamismo, cadeias produtivas locais se diversificaram e novas oportunidades passaram a existir mais perto de casa.

Contudo, isso não significa que o problema do desenvolvimento esteja resolvido. Persistem barreiras estruturais importantes que limitam o potencial da região. Baixa produtividade, dificuldades de acesso a mercados, gargalos de infraestrutura, fragilidades institucionais e desigualdades educacionais seguem condicionando as trajetórias de milhões de nordestinos. O crescimento existe, mas ocorre de for-

ma desigual, tanto entre estados quanto dentro deles.

Um estudo recente do Banco Mundial, intitulado Rotas para o Nordeste, elaborado por Cornelius Fleischhaker, Shireen Mahdi, Karen Muramatsu, Heron Rios e uma equipe multidisciplinar, ajuda a organizar esse novo cenário.

O relatório propõe olhar o desenvolvimento regional não como um caminho único, mas como um conjunto de rotas possíveis, que combinam vocações produtivas locais, integração territorial, capital humano e políticas públicas bem calibradas. Uma das mensagens do estudo é que o desafio do Nordeste hoje não é mais apenas crescer, mas

crescer melhor, conectando pessoas, territórios e oportunidades.

Ao fazer esse diagnóstico, o estudo chama atenção para algo importante. O futuro da região depende menos de soluções genéricas e mais da capacidade de reconhecer suas diferenças internas, suas potencialidades específicas e seus nós históricos. Pensar novas rotas para o Nordeste representa aceitar que o desenvolvimento não virá de um atalho, porém, como todo projeto de desenvolvimento, virá de escolhas consistentes ao longo do tempo.

Quando olho para a história de Espedito, meu pai, penso no quanto essas escolhas importam. Durante décadas, a úni-

ca rota disponível para muitos era sair. Talvez o maior sinal de avanço seja justamente a possibilidade de que, para as atuais e próximas gerações, ficar também seja um caminho viável, digno e cheio de futuro.

* Esse texto não é apenas uma homenagem a Espedito, que, além da miséria enfrentada pelo retirante, também é um recente sobrevivente de um câncer de próstata agressivo, mas também representa um pedido para que meus leitores não deixem de se cuidar e não tenham preconceito com o exame de próstata. No mais, também é uma homenagem à música “Retirada”, de Elomar.

Tensão entre EUA e Venezuela acende alerta na indústria gaúcha

/RELAÇÕES COMERCIAIS

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

A intensificação da crise entre Estados Unidos e Venezuela no último final de semana, após o governo norte-americano capturar Nicolás Maduro, vem gerando desdobramentos políticos e diplomáticos que reacendem o risco de instabilidade regional e colocam o tema geopolítico no radar do setor produtivo brasileiro. Embora não haja impactos imediatos sobre a economia nacional, episódios desse tipo costumam ampliar a incerteza nos mercados, pressionar custos e afetar decisões de comércio e investimento.

No Rio Grande do Sul, a avaliação é de cautela. Apesar de a Venezuela ter hoje peso reduzido na pauta externa gaúcha, o histórico de relações comerciais e o perfil dos produtos exportados fazem com que o cenário seja acompanhado de perto pela indústria. O conflito também se soma a um ambiente global já marcado por elevada volatilidade, com possíveis reflexos indiretos sobre energia, logística e financiamento.

Para o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), Claudio Bier, o principal risco está na insegurança gerada por conflitos geopolíticos. “Qualquer instabili-

dade afeta o ambiente de negócios. A indústria acompanha esse desdobramento com muita preocupação”, afirma.

Os números ajudam a dimensionar o cenário atual. Em 2025, o comércio entre Rio Grande do Sul e Venezuela somou US\$ 118,4 milhões, sendo US\$ 97,4 milhões em exportações e US\$ 21 milhões em importações, o que garantiu ao Estado um superávit de US\$ 76,4 milhões. Ainda assim, a Venezuela responde hoje por apenas 0,5% das exportações gaúchas e 0,2% das importações, participação bem inferior à de anos anteriores.

Essa perda de relevância é resultado de um encolhimento prolongado. Em 2014, a Venezuela chegou a ser o oitavo principal destino das exportações do RS, concentrando cerca de 2,4% das vendas externas. Atualmente, ocupa posições entre a 31ª e a 34ª colocação, com participação entre 0,5% e 0,7%.

O recuo foi mais intenso na indústria de transformação. As exportações de veículos, tratores, máquinas e equipamentos, que alcançaram quase US\$ 217 milhões em 2011, caíram para cerca de US\$ 9 milhões em 2024 - retração próxima de 96%. Ainda assim, o Rio Grande do Sul responde por cerca de 13% das exportações brasileiras para a Venezuela, mantendo-se como o segundo maior exportador e o

quarto maior importador entre os Estados nesse fluxo, conforme dados da Fiergs de 2025.

Segundo Bier, a instabilidade atual tende a congelar negociações no curto prazo. “Neste primeiro momento, está praticamente tudo parado. Esse tipo de episódio esfria exportações e dificulta qualquer avanço comercial”, avalia. Ele ressalta, porém, que os efeitos mais amplos podem surgir por outros canais, como energia, transporte, seguros e logística.

Hoje, a pauta gaúcha destinada à Venezuela é fortemente concentrada no agronegócio e na indústria de alimentos. Cereais, com destaque para o arroz, respondem por 51,5% das exportações. Do lado das importações, 96,2% correspondem a adubos e fertilizantes.

“O arroz é um caso emblemático”, observa Bier. “O Estado enfrenta preços em queda, mercado interno saturado e a chegada de uma nova safra. A Venezuela sempre foi um destino importante.” Cadeias como o tabaco e a indústria moveleira da Serra, especialmente na região de Bento Gonçalves, também estão entre as mais sensíveis a esse tipo de oscilação.

Em uma visão de médio prazo, o dirigente adota tom menos pessimista: “De uma forma ou de outra, a situação deve se normalizar. Pode haver novas eleições,



TÂNIA MEINERZ/JC

Conflito eleva incertezas no comércio e nos custos globais, alerta Bier

acordos internacionais ou entendimentos envolvendo o petróleo venezuelano. A tendência é de retomada. Pior do que está, dificilmente ficará”, afirma.

No cenário nacional, o comércio entre Brasil e Venezuela também perdeu relevância, mas segue positivo. Em 2025, o fluxo

bilateral somou cerca de US\$ 1,1 bilhão, com US\$ 751,7 milhões em exportações brasileiras e US\$ 313,7 milhões em importações, resultando em superávit de US\$ 437,9 milhões para o País. Ainda assim, a Venezuela responde por apenas 0,2% das exportações e 0,1% das importações brasileiras.

Números do comércio (2025)

■ RS – Venezuela

Exportações: US\$ 97,4 milhões
Importações: US\$ 21,0 milhões
Fluxo comercial: US\$ 118,4 milhões
Saldo: US\$ 76,4 milhões
Participação da Venezuela nas exportações do RS: 0,5%
Principais exportações: cereais (51,5%)

Principais importações:

adubos e fertilizantes (96,2%)

■ Brasil – Venezuela

Exportações: US\$ 751,7 milhões
Importações: US\$ 313,7 milhões
Fluxo comercial: US\$ 1,1 bilhão
Saldo: US\$ 437,9 milhões